

100 ANOS DE UMBANDA

Eliane Haas

Em decorrência de suas raízes, a Umbanda é fruto do amálgama de elementos provenientes das diversas crenças e práticas religiosas que contribuíram para uma formação cultural-religiosa que se pode designar genuinamente brasileira. Brasileira e mestiça, pois desenvolveu-se e consolidou-se através da fusão de cultos afro-ameríndios e da espiritualidade popular de origem ibérica. Tem apresentado, no decorrer de um século de existência, um conjunto dinâmico e pleno de ramificações, com uma liturgia pluralista e eclética.

Sem ser fundamentada numa teologia específica, sem ter tido um fundador, não está atrelada a uma codificação que lhe unifique o ritual e possibilite uma estruturação oficial.

A Umbanda é um organismo vivo, livre de dogmas, absorvendo influências e, por sua vez, influenciando.

Raízes

As raízes da Umbanda resultam da fusão dos cultos das diversas etnias africanas com a Pajelança, o Catimbó, o Espiritismo e o Catolicismo. Como não dispõe, a exemplo das religiões formalizadas, de um sistema filosófico-doutrinário ou liturgia unificados, o grau de importância destas influências variam de acordo com a região ou até mesmo as afinidades espirituais do líder local.

O Catolicismo está presente em todas as formas de cultos nascidos no Brasil, uma vez que, desde a sua implantação à época do descobrimento até as primeiras décadas do séc. XX, a sua influência era tal que seria praticamente impensável alguém ser brasileiro e não ser católico. O Catolicismo era a religião hegemônica e então a única verdadeiramente reconhecida como tal, em solo brasileiro.

Durante quase quatro séculos, africanos aqui se estabeleceram como escravos. Ao longo deste tempo, inúmeras etnias com idiomas e culturas milenares bastante diferentes entre si, aqui chegaram, predominando, até o séc. XVIII, grupos de bantos e posteriormente de sudaneses. Nas últimas décadas do regime escravista, os sudaneses (yorubás) preponderavam na população

negra da Bahia, a ponto da sua língua acabar prevalecendo em relação as demais. Embora dispersados de seus grupos de origem, começaram a se organizar, buscando a preservação das suas tradições religiosas, formando o que hoje se entende por religião afro-brasileira: Candomblé na Bahia, Batuque no Rio Grande do Sul, Tambor de Mina no Maranhão, Xangô em Pernambuco. Na esfera das religiões afro-brasileiras, a contribuição banto foi fundamental, pois sob sua influência formou-se o Candomblé de Caboclo e outras variantes regionais de culto ao antepassado indígena, como o Catimbó, que contribuíram para a formação da Umbanda.

A influência ameríndia se deu a princípio no âmbito da convivência entre “negros da terra” e “negros da Guiné” nos povoados onde eram confinados e, posteriormente, quando escravos foragidos buscavam abrigo junto aos índios, encontrando semelhanças e paralelos para as suas crenças e tomando emprestado material que substituisse o normalmente usado nas suas práticas religiosas. Assim, na fusão de crenças e magias, a mesclagem de costumes gerou novas alterações.

Onde quer que se organizassem grupos de culto às divindades africanas havia também uma tendência ao culto dos antepassados, na condição de espíritos de pessoas desencarnadas, sendo este ligado igualmente ao universo indígena ou ibérico. Esta tendência encontrou reforço quando da difusão da Doutrina Espírita no Brasil, por volta de 1873 . O Espiritismo teve boa recepção junto a uma elite mais culta e assim, toda esta mescla afro-ameríndia fundamentada no culto aos antepassados e crença na reencarnação encontrou um denominador comum que acabou influenciando os círculos que, até então, pelo menos perante o censo, se declaravam católicos.

A influência do Espiritismo conferiu à Umbanda o seu perfil ideológico. A falta de afinidade com o modelo austero e repressor do Catolicismo propiciou terreno fértil para a disseminação dos ideais éticos da doutrina de Allan Kardec (1804 -1869) através da prática abnegada da caridade e da crença na reencarnação . Como no Espiritismo, também na Umbanda a incorporação tem por função possibilitar que espíritos venham à Terra trabalhar em prol da humanidade. Os fenômenos da mediunidade e a invocação de espíritos tornaram-se, à partir daí, bastante populares em todas as regiões do Brasil.

No Nordeste os espíritos eram denominados Mestres e tanto podiam ser de índios como de mestiços ou brancos. Se das práticas religiosas indígenas herdaram o uso do tabaco, bem como a ingestão cerimonial da bebida Jurema, por outro lado, dos africanos adotaram o uso das folhas como defumação ou sob a forma de banhos.

Já no Maranhão e no Pará, as práticas religiosas são mais ligadas aos espíritos de encantados, ou seja, seres de outros reinos da natureza, pertencentes a hierarquias diferentes da humana. Aliás, se na Amazônia encontramos botos que se transformam em pessoas, esta tradição de encantaria já estava presente também na cultura européia, com suas fadas, bruxas, príncipes e animais fantásticos.

Sendo o sincretismo a combinação de dois ou mais sistemas religiosos gerando um terceiro, a Umbanda é sincrética por excelência, uma vez que mescla culturas distintas a ponto de gerar um culto próprio, com matizes diversificados, mas mantendo uma concepção doutrinária comum. Embora não disponha de uma literatura oficial como fonte de estudos, conta, por outro lado, com um rico cancionário destinado a invocar e saudar as entidades, conhecidos como pontos ou curimbas.

Dependendo do local, encontramos ramificações onde podemos identificar diferenciadas influências indígenas (Umbanda de Caboclo), Espíritos (Umbanda Branca), Africanas (Omokô, Umbanda Traçada) e diversas outras de cunho esotérico nitidamente influenciada pelas tendências da Nova Era (Umbanda Esotérica).

Oficialmente considera-se 1908 como o ano da criação da Umbanda, quando Zélio Fernandino de Moraes incorporou na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, proclamando as regras básicas de uma nova seita que acabaria sendo institucionalizada como religião. À partir daí, uma profusão de terreiros surgiu, seguindo as mais diversas orientações e tendências locais.

Embora o significado do próprio termo Umbanda se preste hoje até a especulações esotéricas ligadas a mantras hindus ou uma suposta raiz atlante, na realidade teve sua origem nos quilombos.

Como cada quilombo seguia o culto que preponderava nas etnias africanas que o constituíam, era usual, no encontro de negros procedentes de quilombos diferentes, que se indagasse qual era a sua “banda” – ou seja, a que nação pertenciam. Uma vez absorvidos elementos de outras proveniências, no Rio de Janeiro do início do século XX, muitos terreiros simplificaram ou aboliram as práticas ritualísticas africanas, passando cada um a ser identificado de acordo com a sua “banda”. Aí se consolidou a demarcação clara entre as práticas ligadas às nações africanas – hoje conhecidas como Candomblé – e as “bandas”. Assim nasceu o termo “umbanda”.

Em meados do século XX a Umbanda sofreu mais uma absorção sincrética, desta vez decorrente da influência do ocultismo oriental divulgado pela contracultura da década de 60. Inspirada nestes ensinamentos e também no estudo da Teosofia, surgiu a Umbanda Esotérica.

Transe e Mediunidade

Todas as formas de culto nascidas no Brasil que resultaram numa religião cabocla, não se caracterizam pela regulamentação moral ou pela simples

adoração, mas pelo transe. As entidades cultuadas ou mesmo os espíritos de desencarnados encontram o seu ponto culminante de atuação na manifestação mediúnica.

Enquanto na religião africana pura o medium entra em transe sem uma finalidade prática, mas apenas para poder vivenciar uma catarse, incorporando uma centelha ínfima do Orixá de onde provém a sua essência, na Umbanda essas incorporações ocorrem com finalidade mágico-curativa e de aconselhamento.

Nos cultos das nações africanas todo procedimento e aconselhamento individual é determinado pela consulta ao oráculo, considerado o único instrumento legítimo e capaz de transmitir as instruções da Divindade. Como esta consulta não depende de intuição ou mediunidade, mas de uma preparação sacerdotal complexa de natureza iniciática da qual as religiões caboclas e a Umbanda não dispunham, esta prática passou a ser suprida pela consulta oral às entidades incorporadas nos médiums, tornando a incorporação o elemento primordial, a razão de ser, da Umbanda.

Então, todos os procedimentos de limpeza áurica, reequilíbrio energético ou espiritual que na religião africana são realizados pelo sacerdote, na Umbanda ficam à cargo do médium, incorporado ou não, que deverá captar e dissipar a energia negativa que estiver prejudicando o consulente. No caso de um obsessor, normalmente é incorporado pelo médium e encaminhado para doutrinação através de procedimento bastante semelhante ao adotado pelo Espiritismo.

Os Orixás

Embora não haja, na Umbanda, uma concepção oficial e padronizada, as divindades africanas da natureza denominadas Orixás ocupam um papel fundamental e há uma tendência quase geral de se antropomorfizá-los.

Os séculos de perseguição religiosa forçaram uma assimilação entre os santos católicos e os Orixás, como estratégia para encobrir a verdadeira devoção dos negros.

Embora a liberdade de crença tenha sido instituída por ocasião da proclamação da República, sob o pretexto das sessões serem barulhentas, gerarem conflitos e desordens, até 1934 – quando conseguiram atuar livremente - era costume policiais invadirem os locais onde se celebravam cultos africanos, agredindo as pessoas e levando-as a prisão. Sem dúvida, os séculos de perseguição religiosa, de preconceito e de sincretismo de Orixás com santos católicos acabou levando muitos negros a aceitarem a evangelização com

sinceridade e deste expediente consolidou-se no Brasil o que podemos identificar como Catolicismo Popular: com suas benzeduras, superstições, rezas, simpatias e outras práticas nada ortodoxas aos olhos do Catolicismo oficial ditado pelo Vaticano.

A presença dos Orixás, constante em todas as vertentes praticadas pela Umbanda, torna-se portanto o ponto comum mais marcante, estabelecendo assim um vínculo muito profundo com a religiosidade africana. Embora algumas particularidades desta devoção estejam, de acordo com as tradições africanas, corretas, não se pode considerar que a Umbanda pratique verdadeiramente um culto aos Orixás.

Segundo a concepção yorubá, que é predominante no Brasil e conhecida como Ketu ou Nagô, os Orixás são energia pura e expressão das facetas múltiplas da Divindade Suprema (Olodumare / Olorun). São divindades primordiais que estiveram presentes na formação do planeta Terra e presidem, até hoje, as atividades dos diversos reinos da natureza. São um componente dessas forças e estabelecem também uma espécie de elo entre a humanidade e o Ser Supremo – já que cada ser humano é, energéticamente, proveniente desses elementos vitais.

Como entidades pertencentes a uma hierarquia não humana, não compartilham conosco a capacidade de verbalização e a forma de cultuá-los é unicamente através do ativamento e direcionamento das suas energias particulares. Isto tem a ver com a manipulação de energia que se chama magia e não com atividades educativas ligadas a orientação ou doutrinação.

Já os Orixás assimilados pela Umbanda são freqüente e errôneamente concebidos como espíritos ligados aos diversos elementos da natureza que, já liberados do processo reencarnatório, dariam continuidade a sua evolução espiritual, mediante a missão de organizar e orientar uma legião de espíritos menos adiantados. Cada pessoa estaria ligada a um ou mais desses Orixás e suas características, deles recebendo proteção e auxílio.

Por conta do sincretismo, costuma-se, na Umbanda, associar um Orixá à imagem de algum santo católico. No entanto, Ogun não é São Jorge, Iansã não é Santa Bárbara e tampouco Yemanjá encarnou no corpo da Virgem Maria, mãe de Jesus. Esses personagens históricos jamais poderiam, dentro da limitação da sua condição humana, atingir a dimensão de uma manifestação Divina como é o Orixá. Então, quando um médium de Umbanda incorpora uma entidade que utiliza o nome do Orixá, está, na verdade, incorporando não o Orixá, mas um caboclo ou preto-velho que se manifesta dentro desta faixa vibratória.

Assim, podemos verificar que a Umbanda concebe uma hierarquia que, abaixo de Deus Supremo, denominado Olorun ou Olodumare (yorubá) ou Zambi (banto) é seguido por Jesus Cristo, identificado com o Orixá Oxalá, que compartilharia com Deus a criação do planeta Terra (concepção da doutrina espírita). Como a tradição africana considera Oxalá como o próprio Sol doador

da Vida, não poderia ser identificado com um ser humano, por mais evoluído que seja.

Na Umbanda os Orixás são submetidos a Jesus e, por sua vez, chefiam as Linhas onde, subdivididos em falanges, atuam como guias ou protetores os caboclos, pretos-velhos e crianças, além de vários segmentos de exús. As falanges de caboclos assumiram uma importância decisiva, constituindo, na maioria das vezes, a chefia da Casa. Os pretos-velhos destacaram-se na função de psicólogos, sempre prontos a escutar, aconselhar e resolver problemas, principalmente de saúde. Outras representações míticas dos tipos regionais surgiram, como desdobramento dos caboclos: os boiadeiros e os marinheiros. O boiadeiro, sertanejo valente, símbolo de resistência e determinação e o aventureiro marinheiro, com sua capacidade de adaptação diante de qualquer mudança. As crianças, englobadas na falange dos infantes católicos Cosme e Damião representando a inocência e a alegria do ser humano em seu estado puro, atuam igualmente eficientes na resolução de problemas através de aparentes brincadeiras.

Cabe ressaltar que caboclos não se tratam, necessariamente, de índios desencarnados e tampouco pretos-velhos foram escravos negros. Humanos ou não, são padrões vibratórios arquetípicos, cada tipo representando um diferente estilo de ser da nossa identidade mestiça e um modelo de conduta.

As Linhas

Linhas são faixas de vibração correspondentes a um determinado elemento da natureza.

A Umbanda clássica considera sete linhas:

1. Oxalá - 2. Yemanjá - 3. Oriente - 4. Oxossi - 5. Xangô - 6. Ogun - 7. Africana

Já a Umbanda esotérica comporta as seguintes :

1. Ogun - 2. Xangô - 3. Oxossi - 4. Yemanjá - 5. Yori - 6. Yorimá - 7. Oxalá

Com isto, Orixás e caboclos se mesclam, estabelecendo uma quebra de hierarquia incompatível com a concepção original de Orixá, colocando todos, juntamente com caboclos (encantados da natureza, na grande maioria não-humanos) e pretos-velhos (humanos desencarnados) praticamente no mesmo patamar.

Por outro lado, submetem sereias (Yara e Janaína) e Orixás (Naná, Iansã e Oxum) à chefia de Yemanjá.

Sem pretender julgar os motivos de tal arranjo, o fato é que esta miscelânea confusa em nada contribui para uma compreensão básica do que vem a ser esta raiz fundamental que é o Orixá, divindade africana da natureza.

Além dessas há também, como algo independente ou por vezes colocada em lugar da Linha do Oriente, mais voltada para a cura de males físicos, a Linha de Exu.

Muitas vezes se misturam e confundem desencarnados, mestres do Catimbó e o Orixá Omolu.

Seja como for, respeitando a liberdade que cada Casa de culto tem o direito de tomar, o fato é que tais entidades que ali se apresentam sob o nome de Exu, algumas realizando feitos extraordinários e a maioria assumindo linguagem vulgar, tomando atitudes desrespeitosas e incompatíveis com qualquer prática religiosa séria, muito distante estão do Orixá Exu que lhes empresta o nome.

Como no caso dos Orixás, não é Exu quem incorpora nos médiums, mas desencarnados das mais variadas origens e estirpes espirituais, ainda demasiadamente apegados ao plano material.

Exu

O real conhecimento do Orixá Exu foi o que mais se deturpou e praticamente perdeu no decorrer das décadas.

A concepção cristã de um mundo maniqueísta que se movimenta entre o certo e o errado, o bem e o mal, trouxe consigo a face inconfessa da “sombra”, reprimida e personificada igualmente segundo o modelo do diabo cristão.

Da mesma forma como haviam anteriormente sincretizado os Orixás com santos católicos, associaram este personagem satânico – inexistente na mentalidade e no panteão africano - ao Orixá Exu, chegando a representá-lo com chifres e tridente. Através dele puderam extravasar as práticas anti-sociais e as atividades marginais de moralidade questionável.

Personagens transgressores mas altamente benquistos pela sua simpatia tipicamente humana, esses exus e seus equivalentes femininos, as pombagiras, atuam nos âmbitos que lhes são afins. São capazes de resolver com rapidez e eficiência as mais intrincadas questões ligadas, principalmente, aos

aspectos financeiro e sentimental, como também os casos de desobsessão que envolvem o acesso a planos espirituais densos.

Na realidade, o panteão umbandista de exus e pomba-giras, composto de desencarnados comuns, vem redimir os tipos sociais normalmente rejeitados e marginalizados.

Houve também uma absorção de outros tipos regionais, como o mestre do Catimbó, Zé Pelintra, a mestra da Jurema, Maria Padilha, e malandros da boemia carioca para a linha de Exu na Umbanda.

Com o acesso e popularização de práticas mágicas estranhas à cultura brasileira que se deu no final do século XX, até entidades do restrito e particular universo cigano passaram também a integrar as falanges de exus e, principalmente de pomba-giras.

Se, por um lado, há na Umbanda o compromisso do trabalho pelo aprimoramento espiritual das entidades e consulentes, neste mundo subterrâneo das “ giras “ de Exu não há limitações éticas e os desejos de sua vasta e entusiasmada clientela são atendidos e legitimados pelo fato das referidas entidades terem sido “ batizadas” e, portanto, ali se encontram trabalhando em missão de caráter evolutivo.

Considerações Finais

Das suas matrizes africana e ameríndia a Umbanda herdou o senso de liberdade e respeito às diferenças, exercendo o respeito ao próximo e a convivência pacífica com todos os credos religiosos.

Como negros e índios, não adota a prática do proselitismo tão difundida entre os cristãos que, sob o pretexto de melhor saber o que mais convém ao próximo, tantos assassinatos e sofrimentos semeou na história da humanidade.

Por outro lado, devido à organização doméstica dos terreiros e a prioridade que se confere ao exercício da caridade pura e simples, em detrimento de uma estrutura que lhe provenha meios de subsistência e desenvolvimento, a prática da Umbanda permanece marginal, idealista e, de certa forma, improvisada.

Calcada na máxima da Doutrina Espírita “dai de graça o que de graça recebestes”, absorvida do próprio Espiritismo, vai sendo desprestigiada e perdendo terreno para religiões que, embora muito pouco tenham a oferecer em termos de conexão com o Divino, adquirem maior visibilidade através de sensacionalistas manobras de marketing.

Se a mediunidade é um dom gratuito, toda a estrutura material que sustenta o funcionamento de uma Casa religiosa tem custos que não podem ser supridos apenas com doações voluntárias e, por vezes, esporádicas de - nem sempre - gratos frequentadores.

A difusão de conhecimento é cara. Os médiums têm gastos e desgastes que, não raro, acabam afetando o seu cotidiano e a sua saúde. Seria muito simplista atribuir percalços mal sucedidos a um necessário resgate cármico.

Embora haja a versão segundo a qual os mentores espirituais tenham determinado que o período entre 1979 e 2049 seria de afirmação doutrinária e expansão da Umbanda, não se consegue ainda detectar qualquer estratégia neste sentido.

Mesmo assim, sob o aspecto cultural, uma prova da plena vitalidade da Umbanda está na efervescência com que ainda absorve influências. Podemos destacar, como exemplo restrito mas significativo, a introdução da bebida sagrada de origem xamânica, Daime, nas giras de Umbanda de alguns terreiros cujos membros pertencem a esta doutrina. Surge aí, talvez, uma nova vertente cujos desdobramentos ainda não podemos vislumbrar.

Cabe ao futuro definir o papel que a Umbanda exercerá no seu próximo século de atuação.

Bibliografia

Brasão de Freitas, Adilvar – Umbanda – Editora Tres , SP 1985

Magnani, J.Guilherme – Umbanda – Ática, SP 1996

Prandi, Reginaldo – Encantaria Brasileira – Pallas, SP 2001

Souza Gomes, Vera Braga de – Umbanda sem Estigmas – Mudra, RJ 1984

Trindade, Diamantino – Umbanda e sua História – Ícone, SP 1991

Eliane Haas - Mestre em Música, Professora e Pianista. Fundadora e Comandante do Céu da Águia Dourada (www.aguiadourada.com) . Ocupa o cargo de Iya Egbè no Ilé Egbè Efunlase ati Ifà. Faz parte do Conselho Editorial da Arca da União.

